



NUNO CAMARNEIRO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

HABEMUS PAPAM

Entre a fé e a razão: reflexões a propósito de um Papa com formação matemática.

Nos dias que correm, sedentos de novidade e caracterizados por uma mediatização extrema, a eleição de um novo Papa, antecipada por um filme muito recomendável, *Conclave*, de Edward Berger, foi escrutinada ao mais ínfimo detalhe. Analisaram-se uma vez mais os rituais próprios da função, os possíveis candidatos, a orientação política e doutrinária do sucessor de Francisco e muito se foi especulando sobre o futuro da Igreja Católica. Já anunciado o nome do norte-americano Robert Francis Prevost, que escolheu o nome pontifício de Leão XIV, voltaram-se as televisões e as rádios para o seu passado. Nascido e crescido em Chicago, numa família com origens africanas, espanholas, italianas e francesas, estudou inicialmente Matemática, tendo concluído a licenciatura em 1977 na Universidade de Wisconsin-Madison. Mais tarde, aprofundou a sua formação com um curso superior em Teologia, que o conduziu ao sacerdócio e a várias funções no Vaticano.

A pergunta que muitos fizeram, e entre eles me incluo, é o que levará a mesma mente a interessar-se tanto pela matemática, a ponto de completar uma licenciatura, para depois se dedicar a Deus e aos seus insondáveis mistérios. A ciência e a religião passaram muitos séculos de candeias às avessas e, embora todos conheçamos cientistas crentes e sacerdotes interessados nas questões científicas, não é comum que as duas áreas se entrecruzem de forma tão profunda.

Começemos então pela Bíblia, que, sendo um livro (ou livros) de muitas palavras, contém também muitos números – alguns simbólicos, místicos até. A trindade, a ressurreição ao terceiro dia, os quatro evangelistas, as quatro bestas do Apocalipse, os sete pecados mortais e as sete virtudes, os doze apóstolos, os 40 dias de jejum. Estes números não são simples quantidades; são símbolos que estruturam a narrativa sagrada e apontam para dimensões transcendentais, convidando a uma leitura em que o número integra e aprofunda a linguagem do

divino.

A contraposição, ou o acerto entre fé e razão, é exemplarmente ilustrada por alguns dos doutores da Igreja. Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, vê na criação em seis dias não uma necessidade temporal de Deus, mas um sinal de perfeição, pois o número seis é o primeiro número perfeito – aquele que é igual à soma dos seus divisores (1, 2 e 3). A escolha deste número, afirma, ilustra a harmonia e a completude da criação, e revela que “não devemos desprezar a ciência dos números”, pois ela auxilia o intérprete atento das Escrituras. João Damasceno, em *A Fé Ortodoxa*, reafirma a importância da razão humana, argumentando: “A razão humana não é contrária à fé, mas deve ser utilizada para aprofundar a nossa compreensão dos mistérios divinos. A matemática, pela sua capacidade de revelar a ordem e a harmonia do mundo, ajuda a iluminar a nossa percepção da criação.” Já São Tomás de Aquino vai mais longe ao afirmar, na *Súmula Contra os Gentios*, que os princípios de ciências, como a aritmética ou a geometria, derivam das formas essenciais das coisas – formas essas que Deus não pode contradizer. Vemos assim que, mesmo no seio da Igreja, através de algumas das suas maiores autoridades, a matemática, longe de ser uma ferramenta desvinculada da fé, é uma chave que permite entender melhor a ordem divina do cosmos.

Voltemos ao Papa Leão XIV e também ao mistério. A matemática e a religião não se sobrepõem nem se confundem, mas partilham o espanto e a busca pelo entendimento. Enquanto a matemática busca ordenar o mundo pela razão, a religião faz o mesmo pela fé. Que mundo é este em que vivemos? Como foi construído e como se rege? São perguntas que nos colocam perante um abismo de hipóteses e limites. Do meu lado, de um não crente que não hostiliza a religião, dou graças a Pitágoras, a Euler e a Descartes por termos um Papa que sabe resolver uma equação.